

/// Quanto mais o ambiente escolar mostra-se árido, maiores são as tentativas desajustadas de humanizar esse espaço

Um debate contemporâneo sobre Cidade-Escola

A cidade irrompe como um conjunto de relações que constitui o espaço como um campo de interações e atividades sociais, porém, muitas vezes, a negociação entre atores é conflituosa. Os últimos acontecimentos deflagrados pelas ocupações nas escolas que derivaram para um desconforto ao excluir 270 mil estudantes das provas do Enem, expõe bem essa situação de disputa.

O território urbano é pactuado, há uma constante tensão entre os diversos segmentos sociais que querem ter acesso à cultura, educação, saúde e outros

serviços fundamentais que contemplam o direito à cidade de forma digna e renovada. De Paulo Freire a outros autores, converge o conceito de que “a cidade é escola” e a “escola é cidade”.

A cultura urbana facilita a criação de circunstância para que o aprendizado ocorra da forma como o jovem nela está inserido. O mundo mudou, a cidade mudou, o jovem mudou. E a escola? As teorias pedagógicas alternaram-se e transformaram-se ao longo dos anos, mas perpetuam-se as práticas.

Há um ranço na educação formal pautada na tradição e hierarquia difícil de romper, e que não mais representa a demanda nem do educando e nem do educador. A inserção digital revolucionou as novas gerações que passam a desafiar e formular novos padrões de comportamentos, de gosto, novas visões de mundo e de futuro. A Pedagogia moderna crítica entende a escola como epicentro de um território educativo e transformador, e não apenas um espaço de conteúdos programáticos descontextualizados dos inúmeros querereres do jovem contemporâneo. Segundo P. Rimbaud (1973), “a cidade transforma tudo, inclusive a matéria inerte, em elementos de cultura”.

Quanto mais o ambiente escolar mostra-se árido, desprovido de marcas estéticas que representem as pessoas que os frequentam, maiores são as tentativas desajustadas de humanizar esse espaço. A

escola deve, necessariamente, promover ambientes de comunicação e arte de modo que favoreça a troca dos saberes e a potencialização das relações pessoais. Para além da revolução tecnológica que a escola deve aproveitar como potencial pedagógico, a escola deve ampliar sua permeabilidade ao que está sendo vivido do lado de fora dos seus muros.

Nesse sentido, o grafitti e outras plataformas criativas como a música, a dança e a poesia potencializam a aprendizagem. O grande desafio para o Brasil do século XXI é manter o aluno dentro da escola com um currículo mais atrativo, conectar a sala de aula com o mundo, de modo que a cidadania, o diálogo, a criação e gestão compartilhada sejam instâncias fundamentais de aprendizagem. Ao transformar a escola, empodera-se o cidadão, transforma-se a cidade.